EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EDUCACAO INFANTIL

FABIANA PERES CERQUEIRA DO NASCIMENTO

RESUMO:

Em um país em que o hábito de educação financeira não faz parte da realidade de seus habitantes, somado a isso a mídia que aproveita da vulnerabilidade da criança visando a formação de novos consumistas, a forma de como os pais se posiciona em relação ao assunto para com a criança. Tendo na educação financeira uma grande ferramenta que, se aplicada desde cedo, pode construir as bases de uma equilibrada relação com o dinheiro na vida adulta. Diante do contexto este trabalho procurou compreender a importância da educação financeira na vida adulta com a hipótese de que com uma educação financeira na faze de desenvolvimento, a criança terá maiores chances de se tornar um adulto consciente no que tange às suas finanças, e aliada a educação de qualidade formaríamos melhores cidadãos. A falta de um planejamento financeiro pode ocasionar sérios problemas na vida de um indivíduo prejudicando sua relação com a família e sociedade.

Palavras – chave: Educação infantil. Educação financeira. Educação financeira infantil.

ABSTRACT: In a country where the habit of financial education is not part of the reality of its inhabitants, added to this the media that takes advantage of the vulnerability of the child aiming at the formation of new consumerists, the way parents position themselves in relation to the subject towards the child. Having in financial education a great tool that, if applied from an early age, can build the foundations of a balanced relationship with money in adult life. Given the context of this work sought to understand the importance of financial education in adult life with the hypothesis that with a financial education in the development phase, the child will have greater chances of becoming a conscious adult with regard to their finances, and allied to quality education we would form better citizens. The lack of financial planning can cause serious problems in an individual's life damaging their relationship with family and society.

Key words: Early childhood education. Financial education. Early childhood financial education.

INTRODUÇÃO

O tema educação financeira tem recebido grande destaque nacional e internacional nos últimos anos, como um dos fatores fundamentais a fim de garantir melhor qualidade de vida hoje, conforto no futuro, uma vida financeira saudável e equilibrada. Muitos pais ainda acreditam que dinheiro não é assunto de criança. Que elas devem se preocupar com os estudos, e que estes, as farão adultos bem sucedidos com um bom emprego e isso basta. Educação financeira não significa ensinar seu filho a economizar, mas sim aprender corretamente o manejo do dinheiro em busca de uma vida melhor.

Assuntos relacionados a finanças têm sido mais comentados no ambiente social, familiar e escolar em virtude de mudanças nos costumes e comportamentos e também pelos problemas ocasionados pela falta de dinheiro. O consumismo exagerado e a falta de um planejamento financeiro podem causar diversas adversidades prejudicando a vida das pessoas e deixando de lado um sonho de uma vida mais tranquila.

Infelizmente em razão a pouca informação sobre planejamento financeiro, muitas pessoas acabam se iludindo com propagandas e anúncios proporcionadas pelo comércio e dessa forma podem gastar mais do que realmente tem e por consequência podem se endividar. A integração entre a universidade e a comunidade escolar é importante, já que possibilita fazer relação entre a teoria e a prática.

Além disso, proporciona interagir com os futuros acadêmicos da região contribuindo para elevar o conhecimento individual e coletivo. Nesse sentido, acredita-se que o ambiente escolar é propício para iniciar a conscientização e aprendizagem, com base em atitudes e decisões que se pode tomar hoje para definir um futuro com mais expectativa e, sobretudo contribuindo para o bem estar da sociedade.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR

Nos países desenvolvidos a educação financeira cabe às famílias. Às escolas cabe a função de reforçar a formação adquirida em casa. No Brasil, a educação financeira não está presente nem no universo familiar nem tampouco nas escolas. Assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola. As consequências deste fato são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país. (D'AQUINO, 2007)

D'Aquino, (2007), afirma que educação financeira é função dos pais e não da escola. A escola cabe apenas reforçar o que foi aprendido em casa. Conforme Cerbasi (2011, pg. 34), o arcaico currículo elaborado há décadas esqueceu-se de levar em consideração que o pobre trabalhador, que cresceu numa economia também pobre precisa saber tan-

to sobre as armadilhas dos juros dos crediários quanto sobre os métodos para extrair as razões de uma equação de terceiro grau. Kioyosaki (2000) critica o arcaico sistema de ensino: "Nosso sistema escolar, por ter sido criado na época agrária, ainda acredita em casas em alicerces. Chão de terra batida ainda está na moda. Assim, a garotada sai da escola sem qualquer fundamento financeiro". E, completa:

"Este sistema de ensino não tem conseguido acompanhar o ritmo das mudanças globais e tecnológicas do mundo atual. Temos que ensinar aos jovens as habilidades acadêmicas e financeiras de que precisarão não só para sobreviver, mas para desenvolver-se no mundo com que se deparam." "Analfabetismo, tanto de palavras quanto de números, é à base das dificuldades financeiras" (KIOYOSAKI 2000, p. 76).

Neste contexto, se há dificuldades com as finanças, é porque alguma coisa não está

sendo entendida, sejam palavras, sejam números. Segundo, (Kioyosaki 2000, p. 81):

Como os estudantes deixam a escola sem habilidades financeiras, milhões de pessoas instruídas obtêm sucesso em suas profissões, mas depois se deparam com dificuldades financeiras. Trabalham muito, mas não progridem. O que falta em sua educação não é saber como ganhar dinheiro, mas como gastá-lo - o que fazer com ele depois de tê-lo ganho. E o que se chama aptidão financeira (que você faz com o dinheiro depois que o ganhou). Uma pessoa pode ser muito instruída, bem-sucedida profissionalmente e ser analfabeta do ponto de vista financeiro.

Essas pessoas muitas vezes trabalham mais do que seria necessário porque aprenderam a trabalhar arduamente, mas não como fazer o dinheiro trabalhar para elas. Neste contexto, se percebe a importância da educação financeira. É importante para a sociedade que se forme profissionais capacitados, mas sem uma educação financeira a vida pessoal deste profissional, por mais bem sucedido que seja profissionalmente, será frustrada. Em algumas escolas particulares a disciplina compõe a grade curricular. Nas públicas, em 2010, o programa do governo ENEF (Estratégia Nacional de educação financeira) programou o projeto piloto em 900 escolas públicas no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Tocantins, Distrito Federal e Minas Gerais) em 27 mil estudantes (Site Vida e Dinheiro).

Segundo dados divulgados durante workshop da BM&FBOVESPA e Banco Mundial em Maio do ano passado: Na primeira fase, ocorrida em Agosto de 2010, os jovens e seus pais responderam a um questionário com cerca de 150 perguntas a fim de mensurar a percepção de conhecimento e atitudes em relação ao dinheiro. Ficou constatado, por exemplo, que 63,1% dos entrevistados costumam direcionar seus recursos com a compra de roupas, seguido por: lazer (45,7%), lanches (37,1%), alimentação (23,4%) e transporte (18,8%). Ainda na esfera do consumo, o levantamento informou que apenas 61% negociam a forma de pagamento, e 35% dos estudantes não pesquisam modelos ou marcas semelhantes antes de comprar. Os hábitos de poupança também foram avaliados: somente 15,7% costumam guardar dinheiro para projetos futuros (Id.).

Por séculos, a educação infantil era de responsabilidade das famílias. Segundo Craidy e Kaercher (2007, pg. 13) era junto aos adultos e outras crianças com as quais convivia que a criança aprendia a se tornar membro deste grupo, a participar das tradições que eram importantes e dominar os conhecimentos que eram necessários para a sua sobrevivência e para enfrentar as exigências da vida adulta. O período feudal foi marcado pelo árduo trabalho sem descanso.

Segundo Rousseau (Drouet, 1997, p. 11, apud Lima, 2009) desde a Idade Média até o século XVIII a criança era vista como 'um adulto em miniatura'. Um ser que sabia menos, ignorante, e não um ser que tinha estrutura de pensamento diferente do adulto. Assim sendo, as crianças, não fugiam a essa regra, e trabalhavam como tal eram vistas, ou seja, pequenos adultos. Com o desenvolvimento das cidades e dos comércios (Século XIII), surge a classe burguesa, trazendo maior preocupação no bem estar, educação e saúde às crianças vindos da assistência social (Pereira, et al, 2009).

Segundo Lima (2009), "A burguesia, a fim de firmar seu posicionamento frente à sociedade, deixou de obedecer as determinações da igreja, buscando novas estratégias para reivindicar formas mais concretas de vida, por isso, era necessário recorrer a uma educação que lhes desse condições de dominar a natureza.". Se modificarem na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância (Craidy e Kaercher, 2007, pg. 13).

Assim sendo, o percurso da educação infantil começou a partir do momento em que a sociedade passou a pensar o que é ser criança e a importância do momento infância na vida adulta, entre os séculos XVI e XVII (Pereira, et al, 2009) No século XVII havia colégios da igreja, que lecionava a adultos e crianças simultaneamente. Naquela época a Igreja teve importante papel na alfabetização com o intuito de proporcionar a leitura á bíblia e aos ensinamentos religiosos (Pereira, et al, 2009).

Na Europa, a descoberta de novas terras, novos mercados, do desenvolvimen-

to cientifico e, especialmente a invenção da imprensa que possibilitou e facilitou o acesso a leitura (Pereira, et al, 2009) Na transição do Feudalismo para o Capitalismo, marcado pela revolução industrial (meados do século XVIII), passou a ser questionado o modo de educação com vistas ás novas ocupações no mercado. Neste período, também o modo de vida que se conhecia, começou a se transformar: As mulheres, que antes possuía a única função de cuidar da casa e dos filhos, começaram a trabalhar, contribuindo para uma nova filosofia de vida no que diz respeito a forma de criar e educar os filhos (Pereira, et al, 2009).

A Revolução Burguesa introduziu a necessidade de elaboração de novos métodos educacionais, adequados à nova ordem social, a burguesia se esforçou por expulsar a igreja dos seus últimos redutos (Lima, 2009).

Surge a preocupação com a educação para crianças de 0 a 6 anos. A educação passa a ser de empírica a pedagógica. Colégios abrem acesso aos filhos de burgueses e classes baixas separadamente. Nesse contexto, a Igreja católica perde espaço no que diz respeito à educação (Pereira, et al, 2009) Conforme Craidy e Kaercher (2007, P.27): Outro Fato que precisa ser lembrado é que muitas teorias nesta época também estavam em descrever as crianças, sua natureza moral, suas inclinações boas ou más.

Defendiam idéias de que proporcionar educação era, em alguns casos, uma forma de proteger a criança das influências negativas do seu meio e preservar-lhe a inocência, em outros, ainda, a educação dada a criança da ameaça da exploração, em outros, ainda, a educação dada às crianças tinha por objetivo eliminar as suas inclinações para a preguiça, a vagabundagem, que eram considerados características das crianças pobres. Johann Heinrich Pestalozzi no século XIX enfatizou a importância de adequar à educação em função da necessidade de crescimento e desenvolvimento da criança e fez com que os governantes se interessassem pela educação das classes menos favorecidas (Lima, 2009).

Para Pestalozzi, a organização da escola era feita da seguinte maneira: uma classe com os que tinham menos de oito anos, outra com os meninos de oito a onze anos e a terceira com os alunos de doze a dezoito anos (Lima, 2009). Friedrich Froebel criou os jardins de infância (Kindergartens) e colocou em práticas as idéias de Pestalozzi.

Para estes pensadores a pré-escola era vista como uma forma de superar a miséria e a indiferença das famílias, uma vez que as crianças destas teriam acesso a ensino e educação, o que lhes proporcionariam um futuro mais promissor e próximo aos das crianças com maior poder aquisitivo (Ferrari, 2011).

Segundo Froebel (apud Ferrari, 2011), "por meio da educação, a criança vai se reconhecer como membro vivo do todo.". Estes programas educacionais foram aplicados a partir no século XX, após a segunda Guerra Mundial, em consequência da necessidade das mães começarem a ter que trabalhar na fabricação de armas e em outras funções para substituir os homens (Ferrari, 2011) Como se pode perceber a educação infantil sempre esteve voltada na preocupação de que as crianças viriam a se tornar, seu papel na sociedade quando adulto, profissão, em um individuo produtivo e ajustado às exigências da sociedade. Para o autor Coménio in Almeida, (2008, apud Lima, 2009), todos os ramos principais que uma árvore virá a ter, ela fá-los despontar do seu tronco, logo nos primeiros anos, de tal maneira que, depois apenas é necessário que eles cresçam e se desenvolvam. Do mesmo modo, todas as coisas, que queremos instruir um homem para utilidade de toda a vida, deverão ser-lhes plantadas logo nesta primeira escola.

Para Sol (2010), a escola é regulada da mesma forma que o mercado de trabalho em que se constata que a nota para o aluno equivale ao salário. Nesse contexto, a escola foi fundada de acordo com os interesses capitalistas e precisa corresponder na produção da

"qualificação sujeição" para o mundo da exploração do trabalho. Ideia esta oriunda da revolução industrial.

No Brasil, as creches foram consideradas as primeiras formas de educação infantil.

No entanto elas davam assistência na alimentação, segurança física e higiene das crianças (Craidy e Kaercher, 2007). A necessidade de creches surgiu em um momento m que as mães começavam a trabalhar fora e não sabiam com que deixar seus filhos. A maioria delas trabalhava em indústrias e em casas de família (Paschoal e Machado, 2009). Passaram a surgir também os orfanatos e asilos com finalidades assistenciais.

Elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foram as iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados que, apesar do apoio da alta sociedade, tinham como finalidade esconder a vergonha da mãe solteira, já que as crianças "[...] eram sempre filhos de mulheres da corte, já que somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado" RIZZO (2003, APUD PASCHOAL E MACHADO , 2009, p.5).

Nas pré- escola pública não se realizava um trabalho pedagógico, as professoras eram voluntarias e sem instrução. Ao passo que nas pré-escolas particulares havia ensino pedagógico voltado para desenvolvimento emocional e racional com professores capacitados (Paschoal e Machado, 2009). Fato este que, até nos dias atuais, é visto grande descompasso. Do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança

tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido (Craidy e Kaercher, 2007).

Em seu art. 227: "É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de coloca- los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão". Craidy e Kaercher (2007, p.24). Art 208, inciso IV: "O dever do estado com a educação será efetivado a garantia de atendimento em creche e pré escola às crianças de zero a seis anos de idade." Outro importante ponto desta constituição, art. 7°, inciso XXV:

"Trabalhadores (homens e mulheres) têm direito à assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até os seis anos de idade em creches e pré escolas". Assim sendo, é direito adquirido das crianças, de zero a seis anos, instituições de punho educacional, e não assistencial, como era considerado. No entanto, a partir daí, como a responsabilidade da educação ficou com o estado, os municípios passaram a depender de suas verbas e nem sempre o estado tinha dinheiro suficiente para enviar aos municípios e manter a qualidade nos ensinos (Paschoal e Machado, 2009).

Aumentando ainda mais o descompasso entre o ensino público do particular. O Estatuto da criança e do adolescente (ECA), criado pela lei federal 8.069 em 1990 (Dois anos após a Constituição federal de 88), determinou a criação dos conselhos da criança e do adolescente para traçar as diretrizes políticas e dos conselhos tutelares para zelar pelo respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes, dentre eles, à educação, que para as crianças pequenas incluirá o direito a creches e pré escolas (Craidy e Kaercher, 2007, p.25).

A Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), lei 9.394/96, em seu art. 21/I: Regulamenta a educação infantil, definindo-a como a primeira etapa da educação básica e, em seu art. 29: Tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Craidy e Kaercher, 2007).

Além disso, a LDB determina que as instituições do sistema escolar, incluindo a infantil, tenha um plano pedagógico elaborado pela própria instituição por educadores especializados. Esta lei reconheceu e colocou em prática a educação infantil no Brasil no momento em que esta possibilitou ao sistema de ensino as aplicações dos princípios educacionais na Constituição Federal de 1988 (Craidy e Kaercher, 2007) Pode-se dizer que a educação infantil, apesar de assegurada em lei, ainda se encontra precária e ineficiente nas instituições públicas de ensino. Mas, ainda assim, analisando o contexto histórico, teve considerável melhoria.

A educação faz parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos. É por meio dela que aprendemos as normas de nos interagir socialmente e como agirmos em todos os sentidos de nossa vida. E a educação financeira? O dinheiro também faz parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos e é essencial que aprendemos a conviver com ele equilibradamente.

Modernell (2011), conceituada como ensinar a viver dentro do seu padrão econômico, eliminando desperdícios, aproveitando oportunidades, valorizando o próprio patrimônio, gerando rendas e focando no crescimento do patrimônio líquido familiar, para que o padrão se eleve num ciclo virtuoso, dentro das suas expectativas e possibilidades, até atingir a independência financeira. Há quem pense que a busca por educação financeira se confunde com uma acelerada corrida atrás de riqueza e fortuna. Atrás do primeiro milhão e dos milhões seguintes. Isso é um dos claros sinais da falta de educação financeira. Educação financeira é muito mais do que isso (Modernell, 2011).

Para Hill (2009), educação financeira pode ser denominada como a habilidade que os indivíduos apresentam de fazer escolhas adequadas ao administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida. Não nascemos com essas habilidades, elas são oriundas do nosso "modelo de dinheiro"

Na sociedade atual, o dinheiro é igualado a uma melhor qualidade de vida e segurança. Visto que, quem não possuir o mínimo de conhecimento sobre uma correta administração desse instrumento, passará por diversas dificuldades em sua vida. Kioyosaki (2000), alerta para a importância da alfabetização financeira. Que, além de aprender e entender as letras, é essencial que se entenda também os números.

Segundo Kioyosaki (2000, p. 73), um dos pontos importantes na educação financeira é entender a contabilidade. Nesse sentido, saber distinguir um ativo de um passivo e saber que os ricos adquirem ativos e os pobres e a classe média, passivos. E define: "Um ativo é algo que põe dinheiro no bolso e um passivo é algo que tira dinheiro do bolso.". Estou muito preocupado pelo fato de que gente demais se preocupa excessivamente com dinheiro e não com sua maior riqueza, a educação. Se as pessoas estiverem preparadas para serem flexíveis, mantiverem suas mentes abertas e aprenderem, elas se tornarão cada vez mais ricas ao longo dessas mudanças. Se elas pensarem que o dinheiro resolverá seus problemas, receio que Terão

dias difíceis. A inteligência resolve problemas e gera dinheiro. O dinheiro sem a inteligência financeira é dinheiro que desaparece depressa. Kioyosaki (2000, p.74).

Segundo Kioyosaki (2000, p. 210), "Na contabilidade não importam os números, mas o que os números contam.". É como as palavras. Não são as palavras, mas as histórias que elas nos contam. A alfabetização financeira nos permite ler os números e estes contam a história. Contabilidade é o que chamo de alfabetização financeira. Uma Habilidade vital se você quer construir um império.

Quanto mais dinheiro estiver sob sua responsabilidade, mais acuidade é exigida ou a casa desmorona. A alfabetização financeira é a capacidade de ler e entender demonstrações financeiras. Isso lhe permite identificar os pontos fortes e fracos de qualquer negócio . Kioyosaki (2000, p. 125) A educação financeira envolve muito mais que atingir a independência financeira, habilidade de fazer escolhas adequadas às finanças e os preceitos contábeis. Segundo D'Aquino (2009), seu objetivo é "construir bases para que na vida adulta esta criança venha a lidar bem com o dinheiro.".

Sobre a influência das emoções para as decisões financeiras: Segundo Frankenberg (1999), a primeira delas é aprendida com os acontecimentos da vida, por meio dos conhecimentos adquiridos e das experiências. Ele cita que somos dependentes de fatores fisiológicos, que pode ser alterado ou influenciado, dependendo das escolhas feitas, e os fatores psicológicos. Esse ultimo é mais complexo, mostra que a relação que os pais possuem com o dinheiro, tem grande influência nas escolhas dos filhos. Se os pais relacionam com o dinheiro sem controle, não podem cobrar que seus filhos sejam diferentes. Assim sendo, a ideia que se tem de dinheiro na vida adulta tem a ver com o modelo de dinheiro que tivemos quando criança por isso, educar uma criança é essencial.

Desde que surgiu o dinheiro, surgiu a necessidade de se pensar sobre ele. Uma equilibrada relação com o dinheiro é algo que deve ser pensado em nossas vidas. Assim sendo, quanto mais cedo, melhor. Segundo D'Aquino (20068, p.4), "a função da educação financeira infantil deve ser somente criar as bases para que na vida adulta nossos filhos possam ter uma relação saudável, equilibrada e responsável em relação a dinheiro."

Conceito Para D'Aquino (2012), "educação financeira é a capacidade, possibilidade de ensinar a criança aqueles quatro pontos que eu uso sempre como referencia". Que ela seja capaz de aprender a ganhar dinheiro, ou seja, que ela seja capaz de resolver problemas, ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro que ela possível a ganhar. Ensinar a criança a ser capaz de poupar:

Poupar é a capacidade de planejar no tempo a realização de um desejo, se há um beneficio nesse adiamento. Ensinar a gastar dinheiro: Gastar dinheiro é fazer escolhas. Então, a educação financeira precisa fazer bom uso do estimulo que as crianças se apercebam das escolhas dessa fase, das consequências dessa escolha. A educação financeira inclui dar as crianças condições de perceberem que elas são capazes de se doar em tempo e talento. Mas tudo isso tem que ser abrigado sob a convicção de que todo ganho e todo uso do dinheiro deve ser regido pela mais estrita ética. "É essa convicção que abre portas para todos os outros tratamentos do assunto, todo ganho do dinheiro deve ser regido pela mais absoluta ética."

Já para Modernell (2011), educação financeira deve propiciar que as crianças aprendam a diferenciar necessidades de desejos e a perceber as possibilidades limitadas que o dinheiro pode atender. Elas devem aprender que podem sonhar um futuro financeiro melhor. Mas para realizá-lo, terão que aprender a fazer escolhas, a aproveitar oportunidades, a buscar formação e informação compatíveis com suas aspirações e muitas vezes a adiar desejos momentâneos para viabilizar a realização de algum objetivo importante.

Terão que criar hábitos financeiros saudáveis que as afaste do consumismo desenfreado, mas, ao mesmo tempo, estimule-as a desfrutar dos prazeres que o dinheiro pode oferecer, sem tornarem-se escravas dele.

Modernell, (2011), como exemplo, cita que é como estimular as crianças a aprender a juntar e manter seu próprio dinheiro, para que elas possam comprar um sorvete sempre que queiram, mas que não se sintam tentadas a comprar logo em seguida o segundo, o terceiro ou o sorvete mais caro que houver, acabando com todas suas economias, expondo-as à frustração no dia seguinte de não poder comprar outro sorvete, porque gastaram todo o dinheiro no dia anterior.

É fato que, ler e escrever são importantes em todos os momentos e aspectos da vida (Tanto pessoal quanto profissional). E, é fato também que, aprender isso quando criança será mais vantajoso e proveitoso que aprender na fase adulta. Em todos os momentos da vida a alfabetização será útil: No preparo de uma receita na cozinha, fazer qualquer curso, ler um livro, pegar um ônibus, assinar um documento, etc. A alfabetização financeira é tão importante quanto, já que, a todo o momento manipulamos o dinheiro. Ele afeta diretamente nossa vida pessoal e, é (para a maioria) a razão da vida profissional. O que vemos frequentemente é jovens despreparados endividados, sofrendo com o consumismo, sem saber planejar o próprio futuro.

Para Cerbasi (2011), dinheiro deve fazer parte do cotidiano da criança para que não sejam criados bloqueios capazes de dificultar seu uso na vida adulta. Segundo D'Aquino (2008, p.10) Educar não é tarefa fácil. Sobretudo quando se trata de educar num cenário em que a ética do consumo, as rápidas transformações dos vínculos familiares e a novidade de viver num ambiente de economia estável se juntam para nos confundir, Todavia, mesmo difícil, cansativa e tantas vezes desnorteadora, a aventura de proteger, formar e emancipar alguém a quem se quer tão bem não tem paralelo em prazer e amor. Ensinar os filhos a lidar com o dinheiro é parte fundamental nesse processo.

CONCLUSÃO

Considerando a influência que o exemplo dos pais exerce sobre as crianças, que estes foram criados em um período em que não se falava em educação financeira, e o assunto é relativamente novo no Brasil, despertou- se o interesse em explora-lo, para conhecer sua amplitude, importância e impacto Uma criança aprende melhor a lidar com dinheiro quando detém de uma educação financeira, do que um adulto que teve que aprender com os erros já que a base do modelo financeiro são construídas na infância (em torno dos 5 anos de idade).

A família é a primeira responsável por esses ensinamentos. A escola cabe apenas a

função de fortalecer esse ensinamento. Em uma entrevista com D'Aquino ela diz que o papel da escola é fazer que os alunos sejam capazes de pensar de maneira critica, de maneira autônoma, e interessada em encontrar soluções para seus problemas. Ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro que ela possível a ganhar.

Nesta fase, se forma a maneira como ela percebe o dinheiro: como fonte de prazer, segurança, irritação, sofrimento, preocupação, a capacidade de se organizar como algo que traz benefício, ou como algo impossível, O processo de educação financeira é longo. É ensinar uma criança para que, na fase jovem e adulta (quando obter nas mãos responsabilidades com a administração do dinheiro) ela saiba aplica-la. A Questão relacionada ao dinheiro está ligada a ensinamentos de organização, planejamento controle, responsabilidade, equilíbrio e, especialmente a ética, formando melhores cidadãos. A criança exercita algo essencial como fazer escolhas: Gastar dinheiro é fazer uma escolha, juntá-lo é fazer uma escolha. Com isso ela tende a pensar antes de agir para fazer suas escolhas, passam a planejar, olhar o futuro, passado e o presente simultaneamente, criando sentimento de calma e menos ansiedade, segurança e confiança em si mesma.

Contudo, a educação financeira deve ser bem estruturada respeitando a fase de cada criança, estando atenta a crianças que não gastam, já que isso leva a uma educação financeira desequilibrada em que a criança se tornará um jovem e adulto avarento, não sabendo aproveitar as coisas boas da vida que o dinheiro pode proporcionar. E sempre atenta aos exemplos dados, a criança aprende com o que vê e o que ouvi. Os pais sempre ensinam mesmo quando não estão ensinando, de maneira errada, mas estão. É necessário ressaltar que a educação financeira vem de casa, como qualquer educação.

No Brasil a educação financeira nas escolas é algo que ainda está saindo do projeto piloto. A mesada é referência quando o assunto é educação financeira, esse instrumento, usado corretamente, ensina a criança a lhe dar com dinheiro e propicia o aprendizado de poupança, equilíbrio das despesas, planejamento e falência. Ensinamentos valiosos para toda vida. Quem sabe lhe dar com R$ 10,00 por mês saberá que dar com R$ 1.000,00, R$10.000,00.

O ato de educar é um ato de amor, só se educa a quem queremos bem. Como qualquer outra educação, a educação financeira não é diferente. Essa educação é muito mais do que ensinar a criança a lhe dar com o dinheiro, já que a parte monetária é pequena. A maior parte esta ligada no que se aprende por meio do dinheiro: Resolver problemas, fazer escolhas, a capacidade de se doar em tempo e talento, capacidade de se planejamento, princípio da ética. No entanto, o conceito de Educação financeira no Brasil é distorcido. Muitos ligam como ficar milionário, a corrido pelo primeiro milhão, os livros de educação financeira são classificados com autoajuda.

REFERÊNCIAS

CERBASI, Gustavo. Casais inteligentes enriquecem juntos: finanças para casais. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. Filhos inteligentes enriquecem sozinhos: Como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro. São Paulo: Editora Gente, 2006.

CERBASI, Gustavo. Pais inteligentes enriquecem seus filhos. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. CERVO, A.R. BERVIAN, P. A. Metodologia Científica. 5ª edição. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Educação infantil: pra que te quero? – Porto Alegre: Artmed, 2001.

D'AQUINO, Cássia de. A importância da educação financeira. Fev. 2003. Disponível em: Acesso em: 17 Nov, 2011. D'AQUINO, Cássia de. Educação financeira. Como educar seus filhos .Rio de Janeiro: Elsevier, 2008

D'AQUINO, Cássia de. Educação financeira infantil Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2012. Entrevista concedida à Débora Patrícia de Souza.

D'Aquino, Cássia de. História do dinheiro. Abril, 2008. Disponível em: http://www.monitorinvestimentos.com.br/aprendizado. php?id_aprendizado=43. Acesso em 20 mar. 2023.

D'AQUINO, Cássia de. O que é educação financeira. Disponível em: Acesso em: 10 Nov, 2011. DSOP - Educação financeira. Disponível em: http://www.dsop.com.br/emqueatuamos/educacao-financeira-nas-escolas.html. Acesso em 16 mar. 2023.

FERRARI, Márcio. Aprendizagem. Disponível em: . Acesso em: 01==20 mar.. 2023.

FRANKENBERG, Louis. Seu futuro financeiro – 16ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

HILL, N. Quem pensa enriquece. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

KIOYOSAKI, Robert T.; Lechter, S.L. Pai Rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Ed. 66°, Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

LIMA, Sandra Vaz de. Educação infantil no mundo. Maio 2009. Disponível em : . Acesso em: 20 Mar. 2023.

MODERNELL, Álvaro. Por que educação financeira para crianças? Disponível em: . Acesso em: 19 mar.. 2023.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. História da educação infantil no Brasil: Avanços retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. Disponível em: . Acesso em: 19 Mar. 2023.

PEREIRA, Ricardo. O aumento da inadimplência no Brasil: sobram desejos e falta educação financeira. Maio, 2011. Disponível em: . Acesso em 20 mar.. 2023.